

Qual é a sua história?

LUCIANA NADÍLIA DE FÁTIMA BYTNER

Esta investigação nasceu a partir de um curso oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de Araucária, Paraná, em parceria com Universidade Federal do Paraná, no decorrer do 2º semestre de 2004. Neste curso intitulado “O uso Metodológico do Documento em sala de aula”, que fez parte da formação continuada dos professores de História de 1ª a 8ª séries da referida secretaria, pôde-se investigar esta temática em sala de aula.

Assim realizei uma experiência com a primeira série da qual fui regente no ano de 2004, na Escola Municipal Pedro Biscaia. Contei com o apoio pedagógico da Ana Maria Nóbrega e com a fundamentação teórica e metodológica fornecida pelo curso.

A partir do conteúdo de 1ª série “As crianças e seus cotidianos”, trabalhei inicialmente uma história infantil ¹ que relata o cotidiano de um personagem de Maurício de Souza. Numa segunda etapa, por meio de relatos orais e desenhos, trabalhei com o cotidiano dos alunos em sala de aula. Com o objetivo de estabelecer a relação presente/ passado, instiguei os educandos a buscarem juntos à comunidade o documento oral por meio de entrevista, desta forma, as crianças puderam perceber as diferenças de seu dia - a - dia com as de épocas anteriores, comparando semelhanças e diferenças.

No decorrer do curso, fui desenvolvendo reflexões sobre minha própria experiência em sala de aula. Apesar de possuir uma preocupação anterior quanto à importância de não se prender apenas ao livro didático tradicional no ensino de História, tinha dificuldades de encontrar outras formas de realizar o ensino. Por desconhecimento deixa-se, muitas vezes, a oportunidade de se utilizar outros documentos que estão vivos na própria comunidade, por não ter uma visão mais abrangente da possibilidade de utilização no ensino - aprendizagem. Assim, concordo com OSSANNA (1994):

Todo este trabajo requiere el manejo de otras fuentes de información, la imitación de la utilidad del libro, de texto tal como está concebido en el presente, y un desafío a los docentes en cundo a su necesidad urgente de reciclaje, de formación y de replanteo de sus prácticas docentes. Em primer lugar, pued afirmarse que, en general, los docentes se han encontraudo sin información sistematizada a la cual recurrir y, por outra parte, sin demasiados elementos como para conducir a sus alumnos en em processo, de búsqueda, de investigación. Este processo cictuó como fuertemente desestruc turante para los docentes, en un doble sentido: em algunos generó la aceptación del desfio y sérvio como acicate para el trabajo aun sabiendo com las limitaciones com las que se encontraba, en otros, en cambio, tuvo un afecto paralizador. Y, en definitiva, de resistência pasiva a las transformaciones que se ententaban operar en el sistema educativo y en la enscoranza de la história en particular ².

Normalmente a sobrecarga do cotidiano como professores, limita-nos, em algumas vezes, quase paralisa como se refere OSSANNA. No entanto, no decorrer da pesquisa em colaboração pude vivenciar um processo de investigação do conhecimento histórico em sala de aula, permitindo-me avaliar como esse tipo de formação continuada é válido e necessário .

A partir dessas reflexões sobre documentos históricos, continuei aprofundando minha investigação, optei por utilizar um documento oral, uma vez que alunos de 1ª série têm dificuldades em ler e interpretar documentos escritos.

Tendo em princípio a preocupação de como utilizar a história oral, temos o trabalho de colocar que esse tipo de recurso se baseia em fontes orais onde registram a experiência vivida, o depoimento de um indivíduo ou de uma coletividade.

As fontes orais podem ser: histórias orais de vida, relatos orais de vida e depoimentos orais próprios para obtenção de dados informativos bem como um testemunho de entrevistados sobre determinadas situações vivenciadas pelo mesmo. Esse tipo de depoimento é a estratégia mais comum ao se coletar dados. Tendo-se o cuidado com os tipos de entrevistas usadas em cada caso (questionário estruturado, semi-estruturado ou entrevista aberta), ter o cuidado com o local onde será realizada a entrevista e a análise e reflexão que acompanham todo o processo , e não ocorre somente a posteriori ³ .

Conforme Thompson, a história oral é construída em torno de pessoas diminuindo a distância entre o professor e o aluno, a escola e a comunidade, contribuindo para formar seres humanos mais completos.

Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados e especialmente os idosos a conquistar dignidade e autoconfiança.⁴

Diante dessa fundamentação, chamei a atenção dos alunos para que imaginassem como era o cotidiano de seus pais e avós quando estes viveram suas infâncias (6 a 7 anos). Permiti que os alunos desenvolvessem a oralidade e alguns alunos relataram que, com o convívio direto com os avós, já sabiam como havia sido a infância deles.

Sugeri aos alunos trazerem para a sala de aula, um pai, mãe ou avó para uma entrevista. Muitos alunos no momento ficaram alvoroçados com a idéia de trazerem para a sala de aula alguém do seu convívio. Mas no decorrer dos próximos dias afirmaram que os parentes não poderiam vir, pois estavam trabalhando e apenas a mãe de um aluno se prontificou a participar do trabalho em sala. Como não obtive nenhum contato positivo de avôs, me prontifiquei de convidar uma avó, vizinha da escola, a qual aceitou o convite e nos presenteou com sua presença no dia e hora marcados.

Numa aula antes da entrevista programei como os alunos como seria, como deveriam agir e falar com a pessoa entrevistada desde a apresentação até o momento de agradecer. Instruí os alunos a maneira como deveriam se aproximar da entrevistada ao fazerem as perguntas. No caso da senhora mais nova (mãe de aluno) os alunos faziam a pergunta da própria carteira, onde estavam sentados. Já com a avó tomei o cuidado de dizer que deveriam primeiro aproximarem-se dela antes de iniciarem a pergunta .

Ressaltei, também a importância da forma culta do diálogo e a postura perante o entrevistado, pois segundo Thompson é preciso ter disposição para ficar calado e escutar. Quem não consegue parar de falar e discordar do informante, irá obter informações que são inúteis ou enganosas. Mas a maioria das pessoas aprende a entrevistar bem. 5

Juntamente com os alunos produzimos um roteiro de perguntas a serem feitas, tomando cuidado de não se ausentarem do tema desenvolvido. Deixando bem claro aos alunos que a história está na relação viva do dia-a-dia das pessoas, seja ela criança, adulta ou idosa. Essas pessoas podem ser consultadas e nos ajudam a termos elementos na construção da narrativa da nossa própria história, possibilitando assim nossa relação passado/ presente.

Foram realizadas duas entrevistas em sala de aula. Primeiramente a entrevistada foi a senhora Aurora (35 anos), mãe de aluno, no dia seguinte a senhora Vitória (77 anos). Basicamente as perguntas foram as seguintes:

- O que a senhora fazia quando acordava?
- A senhora gostava de ir para a escola?
- Utilizava uniforme? Como era?
- Como ia para a escola?
- Qual a matéria que mais gostava?
- Qual era o tipo de lanche?
- Do que mais gostava na escola?
- Quais eram as brincadeiras na hora do recreio? Qual mais gostava?
- Ajudava sua mãe em casa?
- Quais eram os castigos quando desobedeciam?
- Tinha televisão naquela época?
- Que tipo de programação você mais gostava de assistir?
- Tinha que ajudar a cuidar de irmãos menores?

- Os meninos e meninas brincavam juntos?
- Quando chegava a noite o que as crianças costumavam fazer?
- Aos domingos o que costumava fazer com sua família?

No decorrer das entrevistas observei que os alunos tiveram um maior entusiasmo com a segunda entrevistada, por se tratar de uma avó a qual muitos não tem contato direto. Esta entrevista despertou muito mais curiosidade, pois muitos se sentiram instigados a fazerem mais perguntas, uma vez que as diferenças entendidas e sentidas pelos alunos tinham uma diferença temporal maior, chocando-os muitas vezes. Por exemplo: o castigo dado pelos professores aos alunos na época eram muito rígidos, e quando os pais eram comunicados dos mesmos, eles levavam outro castigo rígido em casa. Dessa forma, os alunos “vivenciaram a história, em nível prático, como processo de recriação do passado”.⁶

Compreendi o valor da evidência oral, visto esta despertar tanto interesse nos alunos pois um documento escrito, principalmente nas séries iniciais não teriam a mesma repercussão . Pois como diz SAMUEL:

Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar eventos do passado que só eles podem explicar-nos visitas sumidas que só eles podem lembrar. Documentos não podem responder, nem, depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes, o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias aparentes na documentação que sobrevive. A evidência oral por outro lado, é infundável somente limitada pelo número de sobreviventes pela ingenuidade das perguntas do historiador e pela paciência e tato.⁷

Depois de realizadas as entrevistas organizamos juntamente com os alunos uma narrativa registrando em papel bobina, de forma organizada, as respostas obtidas nas entrevistas para que eles pudessem compará-las percebendo as semelhanças e diferenças.

Essa atividade permitiu que os alunos refletissem com a história oral sobre o passado próximo (o tempo da mãe), e sobre um passado mais distante (o tempo da avó),

percebendo as mudanças e permanências, conceitos importantes, para a compreensão do processo histórico.

Considerando a investigação realizada em sala de aula com os alunos pude compreender, a importância da história oral para o ensino, visto que a comunidade possui a sua própria história .

Esta experiência superou minhas expectativas, no que se refere a entrevista com as pessoas convidadas. Os alunos se mostraram muito interessados em saber detalhes do cotidiano das entrevistadas que aconteceu de uma forma muito alegre e espontânea de ambas as partes.

Na entrevista com a senhora de 77 anos eu estava preocupada no início com a sua postura perante o convite, mas no decorrer da visita e entrevista tivemos o privilégio de estar com uma pessoa que faz parte da história da comunidade e que nos trouxe relatos de uma experiência de vida, do seu cotidiano e da transformação social ocorrida no decorrer dos tempos no qual ela mesma colocava: “No meu tempo não era assim e sim desta forma”.

No final da entrevista estava tão inteirada com os alunos que nos surpreendeu cantando e dançando para os mesmos uma música infantil de sua época. Ela fez questão de se despedir dos alunos individualmente. Neste momento pude observar no seu semblante e dos alunos que meu objetivo tinha sido atingido, pois os alunos aprenderam a importância de um documento oral para a história.

O curso “Uso metodológico do documento em sala de aula” oferecido pela secretária de Educação foi de grande valia, pois me deu a chance de colocar em prática uma forma de documento histórico.

No decorrer do curso pude analisar todo o processo e apresentar ao grande grupo o trabalho realizado em sala, onde pudemos com outros participantes falarem das vantagens e dificuldades que essa prática nos proporcionou.

NOTAS DE FIM

- 1- SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **Historiar: fazendo, contando e narrando a história**.vol.1.São Paulo: Scipione,2001.
- 2- OSSANA , Edgardo . **Uma alternativa en la enseñanza de la História: el enfoque desde lo local, lo regional**. In Vasquez , Josifina , Enseñanza de la . História Buenos Aires , 1994 (Colección Interamer 2º)
- 3-SCHMIDT, Maria Auxiliadora . CAINELLI Marlene . **Ensinar história**. São Paulo : Scipione , 2004 .
- 4-THOMPSON , Paul 1935 – **A voz do passado : história oral**; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro : Paz e terra ,. 1-História – metodologia . 2- História oral I Título,1992 , p. 44.
- 5-. THOMPSON , Paul 1935 – **A voz do passado : história oral**; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro : Paz e terra ,. 1-História – metodologia . 2- História oral I Título,1992 , p254.
- 6- THOMPSON , Paul 1935 – **A voz do passado : história oral**; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro : Paz e terra ,. 1-História – metodologia . 2- História oral I Título,1992 , p219.
- 7- SAMUEL , Raphaul – **História local e história oral** . IN: Rev. Brasileira de História – vol. 9 nº 19 p. 219 – 243 – set. 89 / fev. 90.